



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)  
370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes - 100 anos da participação do Brasil na I GM  
ANO 2018                                      Fevereiro                                      N° 261**

### **Minha visão geopolítica da Guerra do Paraguai**

Coronel Gélio Fregapani

Olhando o mapa de hoje não há como entender a Guerra do Paraguai. Como um país pobre, com uma pequena população e território diminuto pode ter desafiado quase dois terços da América do Sul, incluindo os dois maiores e mais poderosos do continente além de um terceiro com o qual ele nem tinha fronteiras? Que loucura! E continuar lutando até o completo esgotamento, muito depois da certeza da derrota?

Para entender, voltemos ao passado. Os Jesuítas, aldeando os índios, ensinaram a eles tudo que uma civilização precisa saber, menos o mais importante: a arte da guerra. Conseguiram desenvolvê-los superando em alguns aspectos o estágio da civilização que os rodeava na região, mas esqueceram que riquezas e debilidade militar sempre atraem desgraças e como resultado óbvio de seu pacifismo religioso foram assaltados pelas Bandeiras e viram sua civilização destruída pelas forças de Portugal e Espanha. Os padres reuniram os que puderam em Assunção e isto foi o embrião do Paraguai.

Quando afinal reagiram contiveram os bandeirantes e com isto criaram confiança em sua força e, no seu inconsciente coletivo, vagamente, sonhavam em recuperar seus antigos domínios que se estendiam outrora por parte da Argentina, do Brasil e pelo Uruguai, vastidões onde a herança étnica guarani ainda era muito forte. Foi isto que Solano Lopes tentou fazer.

O plano de Solano Lopez nada tinha de irrealizável; ele formou então o maior e melhor exército do hemisfério Sul. Aliou-se com governo do Uruguai e com o Gen Urquiza, cadilho da província argentina de Corrientes, cuja cavalaria era tão famosa e aguerrida como a cavalaria gaúcha, e esperava a adesão de parte do Rio Grande do Sul, ainda fumegando do incêndio farroupilha, onde muitos eram descendentes dos guaranis. Então, com brilhante articulação diplomática, com tropas muito superiores às do Império e do governo portenho, e esperando contar com as adesões já citadas, aguardava apenas a hora adequada para levar a frente seus bem elaborados planos. Em termos geopolíticos havia montado uma coalizão potencialmente superior aos seus adversários - o Império do Brasil e os argentinos portenhos.

Acontece que as tropelias do governo uruguaio na nossa fronteira irritaram de tal modo os gaúchos que estes exigiram uma reação, ameaçando até com secessão se o

Brasil não os protegesse, e a última coisa que o Império ia querer era uma nova Revolução Farroupilha.

Além da justiça da causa seria bem melhor uma pequena intervenção externa. Assim, intervimos e derrubamos o Governo do Uruguai – um dos aliados de Lopez.

Solano Lopes deve ter sentido que sua coalizão estava em perigo. Seu aliado argentino – Urquiza, venderia seus cavalos, e sua famosa cavalaria estava a pé e de pouco auxílio lhe serviria. Sentindo que a boa hora estava passando, Lopes iniciou as operações, aprisionando navios brasileiros, invadindo nossa fronteira Oeste e cruzando sem resistência as províncias de Corrientes e Entre Rios, simpáticas a ele, e penetrou no território do Rio Grande. Estes fatos propiciaram uma aliança entre o novo governo do Uruguai e o governo Portenho (da Argentina) com o Império do Brasil.

Dizer que era uma loucura não seria justo para com nosso inimigo; Lopez tinha o maior e melhor exército do continente e uma forte marinha adequada para o combate fluvial.

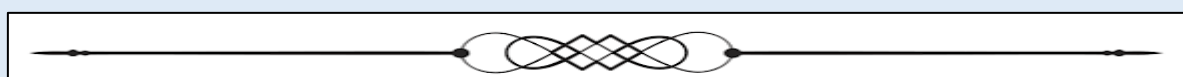
Ele sabia do maior potencial do Império, mas a Argentina e o Uruguai estavam em clima de guerra civil, sendo que este último estava tão convulsionado que seu presidente – Venâncio Flores, teve que voltar da guerra e foi assassinado no Uruguai. O exército de Lopez já havia tomado vastas áreas do Mato Grosso, as províncias argentinas de Corrientes e Entre Rio e invadido nossa fronteira no Rio Grande do Sul, onde esperava uma vitória rápida. Preparara sua Marinha para enfrentar a Marinha Imperial. Então aconteceu a primeira derrota – Riachuelo, que cortou os suprimentos de suas tropas que haviam invadido o sul do Brasil.

A nossa vitória, apesar da primorosa emboscada paraguaia, se deveu à inesperada iniciativa do grande Almirante Barroso, abalroando os navios de madeira do inimigo, tática ultrapassada de séculos, mas tornada eficaz por nossos navios serem de ferro, para enfrentar o mar. De nada adiantou a bem montada armadilha, com baterias de artilharia nas barrancas, balsas artilhadas, e milhares de homens prontos para a abordagem no local para onde atraiu a nossa esquadra, certos que ali muitos de nossos navios encalhariam (o que realmente aconteceu).

O resultado da batalha do Riachuelo impediu a navegação paraguaia no rio Paraná inviabilizando o suprimento de suas tropas no Rio Grande, que terminaram por se render. Agora o Paraguai é que teria que se defender e seria melhor por fim à aventura; e talvez Lopez o soubesse, pois bem que tentou, mas o presidente do Uruguai, em clima de guerra civil, recusou qualquer acordo e sendo proibindo paz em separado a guerra continuou.

O Paraguai estava bem preparado para se defender e havia fortificado toda as vias de acesso (que eram os rios). Os ataques aliados fracassam, o presidente do Uruguai tem que retornar para enfrentar nova revolução e o chefe portenho também retorna à sua Pátria com parte do seu exército. Permanecemos num impasse vantajoso ao Paraguai até que o gênio de Caxias desbordou as fortificações, o que decidiu a vitória.

O resto da História é bem conhecido e não necessita de interpretações. Geopoliticamente se verifica que as circunstâncias mudam e são por vezes completamente modificadas pela sorte das armas, e que, no caso estudado, assinala-se a vitória de Riachuelo - uma surpresa com o uso improvisado de um material disponível e a passagem pelo chaco, considerado intransponível para um exército. Bem, não foi a primeira vez nem seria a última que um exército vence uma batalha desta forma.



## VOCÊ SABE O QUE FOI A “CARTA BRANDI”?

### CARTA BRANDI

Sérgio Lamarão(\*)

Carta divulgada em setembro de 1955, endereçada a João Goulart, candidato a vice-presidente da República, e atribuída ao deputado argentino Antônio Jesús Brandi. O documento aludia a supostas articulações de Goulart com o governo argentino, chefiado por Juan Domingo Perón, visando à deflagração no Brasil de um movimento armado de cunho sindicalista. Um inquérito policial-militar, instaurado em outubro do mesmo ano, comprovou tratar-se de um documento apócrifo, forjado por falsários argentinos para ser vendido aos opositores de Goulart.

A Carta Brandi foi veiculada pela primeira vez no dia 16 de setembro de 1955, em um programa de televisão. O documento foi lido por Carlos Lacerda, jornalista e deputado federal pela União Democrática Nacional (UDN), partido que aglutinava a oposição às candidaturas de Juscelino Kubitschek e João Goulart nas eleições presidenciais de 3 de outubro de 1955. No dia seguinte, a carta foi publicada na íntegra pelos jornais Tribuna da Imprensa, de propriedade de Lacerda, e O Globo.

A carta, datada de 5 de agosto de 1953, estava escrita em papel timbrado da presidência da Câmara de Corrientes, cidade argentina vizinha a Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. Era dirigida a João Goulart, então ministro do Trabalho do governo Getúlio Vargas, e assinada pelo deputado argentino Antonio Jesús Brandi.

O conteúdo do documento referia-se, entre outros pontos, à formação de uma “coordenação sindical entre o Brasil e a Argentina”, à criação de “brigadas operárias de choque” e à compra de determinadas mercadorias em Córdoba, que Lacerda concluiu tratar-se de material bélico destinado ao suposto movimento armado sindicalista. Os armamentos entrariam no Brasil através de Uruguaiana.

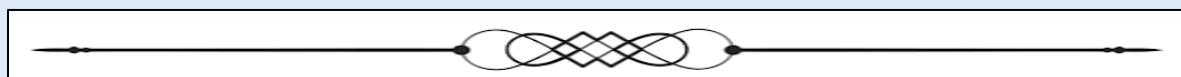
Lançado num momento de grande agitação política, e a menos de 20 dias das eleições, o documento teve grande repercussão nos círculos políticos e militares. Uma comissão de deputados do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), do qual Goulart era o presidente, solicitou ao ministro da Guerra, general Henrique Lott, a abertura de um inquérito policial-militar que esclarecesse a autenticidade da carta. O general Emílio Maurel Filho, secretário-geral do Ministério da Guerra, foi encarregado de chefiar o Inquérito Policial-Militar (IPM) instaurado a seguir.

No dia das eleições, o Ministério da Guerra emitiu nota, baseada em notícias enviadas da Argentina, dando margem a admitir-se a denúncia como verdadeira. De fato, o general Maurel mandara a Lott um telegrama cifrado no qual afirmava que a polícia argentina chegara à conclusão de que era “sumamente provável” que a mão que assinara a carta tivesse sido a mesma que havia firmado as assinaturas de Brandi em outros documentos.

Ainda em outubro, porém, o inquérito concluiu que a carta era “incontestavelmente falsa”, forjada pelos falsários Cordero e Malfussi, que posteriormente foram presos e condenados. Muniz Bandeira levanta a hipótese de que a Central Intelligence Agency (CIA), órgão de informações do governo norte-americano, estivesse envolvida no caso.

(publicado por gentileza do historiador Antonio Carlos Mesquita do Amaral)

(\*) Doutor em História.



EDITOR:

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, Cel Inf EM

Presidente da AHIMTB/RS

lecaminha@gmail.com

Sites:

[www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e

[www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)

Site do NEE/CMS: [www.nee.cms.eb.mil.br](http://www.nee.cms.eb.mil.br)

Site do Núcleo Militar de Gramado: [www.nuclev.com](http://www.nuclev.com)

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>